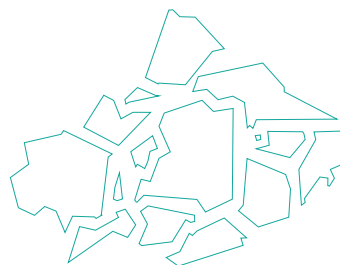


(RE) PARAR

Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**



(RE) PARAR

Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere





(RE) PARAR

Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

ENQUADRAMENTO

Cumprir sublinhar a qualidade do documento estratégico do PROF, de 2005, bem como a sua manifestação não concretização, certamente pela sua ambição ou ausência de mecanismos e de meios de operacionalização.

É necessária uma avaliação e intervenção na paisagem, recusando-se uma leitura sectorial ou fragmentada, considerando-a antes como um sistema contínuo, dinâmico e simbólico.

A paisagem tem, em permanência e em simultâneo, funções de produção, de protecção e de recreio. Urge pois a consideração de todas as vertentes, com vista à recriação de uma paisagem equilibrada para e com a comunidade.

Para tanto, é inevitável uma mudança de paradigma, que contribui para interrupção do ciclo de risco, com metodologia correspondente.

Esta metodologia é a do planeamento colaborativo e assenta na colaboração permanente e solidária

entre comunidades, municípios e academia, que trabalham entre si e entre todos.

Esta colaboração mantém-se em todas as fases do processo: na construção do problema e da solução, na decisão e no desenho. O empenho de todas as entidades no cumprimento das medidas e formas de operacionalização definidas depende, acima de tudo, no facto de os destinatários das medidas em causa serem também os seus autores.

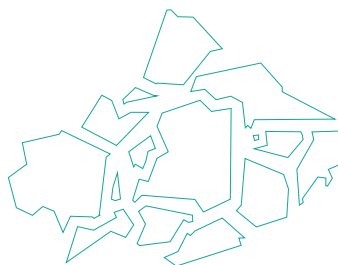
Esta colaboração deverá assumir-se na forma de um laboratório na paisagem, inscrito não nas universidades, nem nas autarquias, mas na própria comunidade, onde todos se encontram e trabalham.

Este laboratório será instrumento primordial do modelo de ordenamento (planeamento e gestão incluídos) da paisagem da Bacia Hidrográfica do Zêzere. Esta gestão por Bacia Hidrográfica não se circunscreveria ao governo da água, antes seria ossatura para o governo de todas as vertentes da paisagem.

OBJECTIVOS

Serão objectivos deste laboratório:

a) a **constituição de um gabinete supra-municipal**, rótula de toda a articulação entre comunidades, academia e autarquias e, ao mesmo tempo, escola de formação, de investigação e de desenho; neste gabinete inscrever-se-iam os técnicos destinados aos municípios (os novos e os já provenientes destes), os investigadores e os membros das comunidades; este gabinete seria ainda o promotor de linhas de investigação-acção, destinadas à procura de soluções para os problemas concretos suscitados pela BHZ; na prática, seria uma forma de transferência de conhecimento científico para a comunidade e, ao mesmo tempo, uma plataforma de recepção do conhecimento empírico das comunidades e do das autarquias, resultante das práticas das autarquias e, servindo assim como instrumento de síntese de todos os saberes; este





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

laboratório iria ainda ponderar continuamente os resultados obtidos, de forma a rever, se necessário, todo o processo;

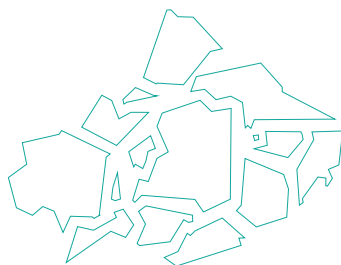
b) **(re)vinculação dos actores à paisagem da BHZ em que se inscrevem**, daqui resultando a adopção de uma postura activa, crítica e reflexiva;

c) **(re)estruturação ecológica, social e económica da BHZ**, de forma a que esta seja beneficiária dos créditos de biodiversidade que lhe são devidos, pelo seu contributo para abastecimento de água para as regiões a jusante, para a produção de energia hidro-eléctrica e para os sectores produtivos destinatários das matérias-primas aqui geradas.

CONCEITO DE PAISAGEM

Partimos do conceito de paisagem enquanto espaço de habitar, resultante da relação íntima – física e espiritual – que as comunidades estabelecem com os sistemas naturais.

A paisagem configura-se a partir de componentes morfológicas.



COMPONENTES MORFOLÓGICAS DA PAISAGEM

As componentes morfológicas da paisagem são de ordem natural e de cultural. As primeiras são definidas pelas dinâmicas dos sistemas naturais e as segundas pela relação que se estabelece entre as dinâmicas sócio-económicas e os sistemas naturais.

COMPONENTES NATURAIS

A paisagem do concelho carece de estrutura e de diversidade ecológica. Esta deve poder suportar uma nova gestão, um ordenamento eficaz, que a re-equilibre, amplie o seu interesse económico, reconheça a sua memória e garanta a conservação e uma correta gestão dos recursos naturais (solo, água, vegetação potencial).

Como premissas pretende-se:

- aceitar a matriz actual da paisagem, não comprometendo os usos existentes, considerando não só o seu peso no rendimento das famílias, como também a rarefacção demográfica;

- intercalar a matriz existente com uma estrutura ecológica fundamental, que estabeleça descontinuidades (gestão pública), ou seja, pela alteração progressiva da textura (aquilo que preenche) lograr a alteração da estrutura (aquilo que é preenchido);

- consolidar a estrutura ecológica complementar e garantir a implementação de medidas compensatórias para pagamento de serviços de ecossistemas (gestão privada);

COMPONENTES CULTURAIS

No que se refere às componentes culturais, considera-se que importa:

- à escala inter-municipal, valorizar as componentes morfológicas culturais existentes (aglomerados, rede viária, rede eléctrica), vistos como potenciadores da continuidade/consolidação de Estrutura Ecológica (gestão pública);





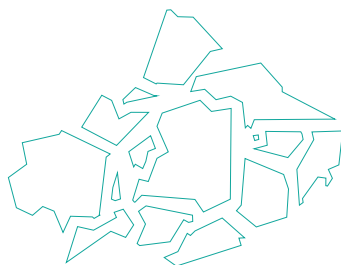
Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

- promover as associações locais e/ou cooperativas como impulsionadoras da relação quantidade/qualidade, da certificação de produtos e de apoio aos pequenos produtores;
- garantir o cumprimento do quadro legal vigente, procurando articular os mecanismos legais já existentes.

ACÇÃO 1 - CONSTITUIÇÃO DO GABINETE LOCAL DO LABORATÓRIO NA PAISAGEM DA BACIA HIDROGRÁFICA DO ZÊZERE

_ RECURSOS FÍSICOS E HUMANOS: definição dos requisitos espaciais técnicos necessários à instalação do gabinete técnico; aferição das necessidades do município em termos de recursos humanos; contratação de pessoas e serviços; afetação de pessoal do município, das comunidades e da academia ao projeto; escolha dos coordenadores.

- GESTÃO DE INFORMAÇÃO: compilação de toda a cartografia dos municípios da bacia hidrográfica, incluindo instrumentos de gestão



territorial, relatórios produzidos por entidades públicas e privadas, investigações académicas, etc.; aferição da necessidade de atualização de dados e verificação da adequação, por amostragem, em visitas ao terreno; eventual atualização e produção de nova cartografia.

- DINÂMICA DE GRUPO: trabalho de dinâmica de intra e inter grupos de trabalho, com vista à obtenção de uma equipa equilibrada, coesa e solidária, com vista à participação produtiva em trabalho colaborativo.

ACÇÃO 2 - DIAGNÓSTICO, ANÁLISE DO SISTEMA TERRITORIAL E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO:

- APROXIMAÇÃO EFECTIVA À ESTRUTURA ECOLÓGICA:

a) caracterização dos sistemas naturais: sistema de água, sistema da vegetação, sistema do relevo, solo, caracterização edafo-climática; caracterização dos sistemas culturais: edificado, infraestruturas básicas, acessibilidades e usos; avaliação dos usos agrícolas,

florestais e silvo-pastoris com vista ao seu aproveitamento económico (qualidade, quantidade, localização, preço); identificação de fauna e de flora autóctone, com vista à sua disseminação /controlo e articulação com novas plantas, com vista à substituição produtiva;

b) caracterização demográfica: população residente e população flutuante: distribuição espacial, escolaridade, rendimento, disponibilidade de mão-de-obra; (re) qualificação profissional; disponibilidade para dar e receber formação; mecanismos de solidariedade; gestão de associações e coletividades; gestão de baldios; movimentos de colaboração informal; agentes locais e exteriores de dinamização;

c) caracterização das atividades económicas: agroflorestais, industriais e prestação de serviços existentes – volume de negócios, necessidades, potencialidades, capacidade económico-financeira,





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

recetividade a I&D; agregação, ainda que temporária, de empresas e de profissionais liberais;

d) atualização da cartografia existente e produção de cartografia temática em função dos objetivos do projeto;

e) trabalho de campo em equipas multidisciplinares, com elementos dos três grupos (comunidade, autarquia e academia) para promover uma leitura, compreensão da paisagem e um contacto com as suas comunidades; residências esporádicas e/ou constantes nas comunidades, com vista ao seu conhecimento e dinamização.

- ANÁLISE DE DADOS:

a) síntese e análise da informação obtida e do conhecimento produzido;

b) consideração dos instrumentos de gestão territorial existentes e em elaboração, bem como dos regimes legais aplicáveis; possibilidade de introdução tempestiva de alterações, em funções dos dados obtidos; eventual proposta de carácter jurídico, com identificação de obstáculos e de

proposta de alteração de mecanismos legais vigentes e de introdução de mecanismos inovadores;

c) apresentação pública de resultados, em conferência nacional.

- PROSPECTIVA E PLANEAMENTO:

a) propostas de intervenção na paisagem, em função dos objetivos fixados e dos dados obtidos: cenarização e desenvolvimento quanto a tendências nacionais e mundiais, quanto à procura de matérias-primas, produtos e processos de transformação; ideias de negócio; viabilidade de implementação e de sucesso; decisão.

b) programação de intervenção: meios humanos, naturais e recursos económico-financeiros necessários; articulação;

c) apresentação pública de resultados, em conferência internacional, para posicionamento dos municípios e da sua estratégia perante potenciais interessados.

ACÇÃO 3 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO, A REVER EM FUNÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS COM A FASE ANTERIOR.

1.ECOLOGIA DA PAISAGEM E GESTÃO DOS RISCOS NATURAIS:

a) comunidades, edificado e vias de acesso

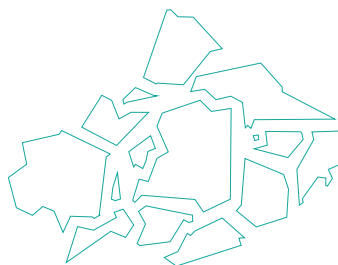
- Formação das comunidades em medidas de autoproteção;

- Criação e distribuição de kit de sobrevivência de distribuição massiva: alimentação, emissão de sinal rádio/gps, sistemas de sinalização;

- Apoio à formação dos meios técnicos e humanos em novas formas de prevenção e de combate;

- Definição e implementação de buffers de proteção de conjuntos de edificado e de vias de acesso, para garantia de acesso à evacuação, se necessária;

- Identificação das edificações em zona de risco e ponderação da sua reconstrução com a mesma

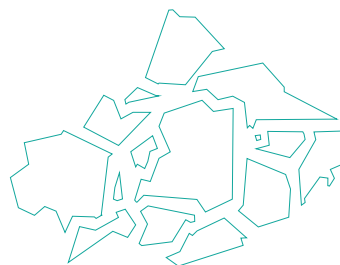




Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

localização, em caso de sinistro;

- Criação de espaços de proteção comuns com técnicas construtivas resistentes ao fogo;
- Revisão de trilhos e caminhos vicinais, com limpeza e sinalética de orientação resistente ao fogo, com vista à criação de redundâncias seguras em caso de fuga pedonal;
- Criação de vias de acesso alternativas, em todas as zonas de recreio e de produção com via de acesso único;
- Marcação de vias, com sinalética vertical e horizontal resistente ao fogo e com guias/marcos/rails nas bermas, que permitam a orientação em caso de sinistro;
- Sistemas alternativos de localização de pessoas em situação de risco (linha I&D), em meios rurais e vias de acesso, sem cobertura de rede móvel, com postos semelhantes aos das autoestradas, para pedido de socorro;
- Implementação de sistemas de monitorização à distância (dados climáticos e seu cruzamento com



dados orográficos e de ordenamento);

- Rotinas mensais de confirmação de persistência na paisagem, especialmente de estrangeiros e de população idosa e/ou com crianças, para controlo do contingente necessário a mobilizar em caso de catástrofe;
 - Instituição de civis com funções de prevenção e linha avançada de combate: guardas-florestais, guarda-rios e guarda-comunidades, futuros pivots numa situação de risco.
 - Constituição de um gabinete de risco, com participação obrigatória de membros da comunidade local e de batedores conhecedores do terreno, ou pela prática desportiva (trekkers) ou profissional (resineiros, madeireiros, guardas-florestais, guarda-rios, guarda-comunidades).
- b) Sistema vegetação
- valorização do sistema da vegetação de baixa combustibilidade, em galerias ripícolas, cumeadas e aceiros, com substituição produtiva;
 - Valorização da intervenção técnica



sobre as áreas existentes, com o objetivo de gestão efetiva dos espaços, numa lógica de silvicultura preventiva efetiva;

- (re)ordenamento do coberto vegetal com abate criterioso em situação pré-sinistro, para diminuição do contingente total, com recurso a posse administrativa/expropriação e operação de compensação automática de créditos para financiamento da operação;
- Abate/ou recolha pós-incêndio, com vista à evitação do enxurro, por força das árvores cortadas deixadas no local;
- Parqueamento da madeira recolhida em diversos locais, para retenção e sua colocação no mercado após a sua valorização;
- Recolha de matos e de materiais lenhosos que, associados a resíduos alimentares, possam ser utilizados em compostagem e produção de adubos orgânicos para agricultura em modo biológico, para fertilização agrícola e pontualmente para recuperação de solos em perda;





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

c) Sistema da água (hidrologia e hidráulica)

- Reabilitação dos sistemas hidráulicos (captação, armazenamento e distribuição) por gravidade ou com recurso a fonte local de energia renovável, como forma de garantia de funcionamento em caso de quebra de energia;

- Identificação de sistemas de captação, retenção e distribuição de água, em propriedade privada e domínio público, para eventual captação de água em caso de incêndio e prevenção de contaminação por infiltração de cinzas;

- Disseminação de rede de distribuição de suportes de retenção de águas das chuvas e de fontes e minas públicas e privadas, para distribuição de pontos de água para alteração do comportamento do fogo, pela existência de alterações de pressão;

- Mecanismos de controlo de solos, para prevenção de erosão em caso de sinistro, para evitar enxurradas com as chuvas após os incêndios: recurso a

técnicas tradicionais e de inovação, com recurso a matérias-primas existentes (linha I&D).

- Limpeza, revitalização e regeneração do sistema hídrico.

2. (RE)VALORIZAÇÃO DA ESTRUTURA ECOLÓGICA, PARA ANCORAGEM ECONÓMICA

a) inventariação e hierarquização das linhas de água (permanentes e torrenciais) e valas de infiltração e charcas de retenção e sua associação com o sistema de percursos, para aumentar a infiltração de água no solo e diminuir a erosão deste;

b) estabilização e consolidação das galerias ripícolas, para promover a biodiversidade e diminuição de erosão do solo e o risco de inundação e perda de solo fértil nas margens;

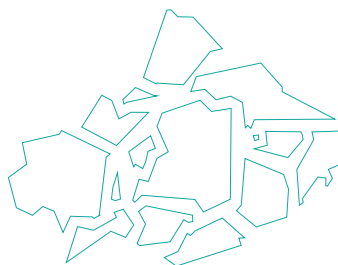
c) adaptação do sistema da vegetação e da gestão da água às alterações climáticas: escolha das espécies, consideração da oportunidade de cultura, da colheita, da rega e da gestão de colocação no mercado;

d) controlo de espécies exóticas (infestantes), para que a progressão desta não comprometa a substituição produtiva pretendida e não aumente o risco de incêndio (linha I&D);

e) levantamento cadastral, com apoio de tecnologia robótica, que faça também o levantamento topográfico e análise de solos (linha I&D): aplicação também aos baldios, e com base no parcelário do Ministério da Agricultura, para rapidamente se poderem implementar medidas mitigadoras de risco de incêndio, a saber: desbaste das árvores excedentárias, no controlo de matos, no desenvolvimento da pecuária e da apicultura, na valorização da caça e dos serviços de ecossistema. soluções jurídicas alternativas, na falta de cadastro capaz, considerando o quadro legal existente;

f) elaboração de Plano de Desenvolvimento Agro-florestal:

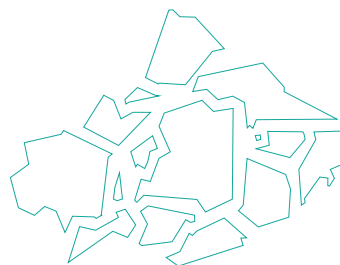
a. qualidade do solo, adequação de espécies e definição das áreas totais necessárias para uma produção sustentável e regular, em função das





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere

- a. necessidades do mercado;
- b. identificação de ideias de negócio de produção e de transformação de produtos, bem como da sua disseminação, com recurso aos atores locais; levantamento dos potenciais clientes, bem como a averiguação das redes de distribuição (distribuidores comerciais e vias de acesso);
- c. levantamento da flora autóctone e identificação de contingente, e forma de propagação benéfica, com aplicação farmacêutica, cosmética, gastronómica e de controlo de pragas (linha I&D);
- d. intensificação da produção agrícola promiscua, que permite a diversificação dos produtos em parcelas de pequena dimensão, contribuindo para a diminuição dos riscos associados à monocultura e enriquecendo a oferta de produtos alimentares sazonais, que se tornem marca da região (leguminosas, legumes, frutas, cereais);
- e. produção de plantas aromáticas e de cogumelos, para aplicação culinária e farmacêutica (linha I&D);



- f. criação de um sistema contínuo de folhosas (castanheiro, oliveira, frutícolas (bravo-esmolfe, romã, figueira), esteva, medronheiro), determinado pelas condições edafo-climáticas, com interesse económico;
- g. aumento da área de soutos e castiçais nas encostas umbrosas, com a possibilidade de a produção de castanha poder ser temporã face às de restante produção nacional e ter um ganho de preço por isso; produção de derivados da castanha, para aplicação gastronómica;
- h. retoma da exploração da resina, com vista à criação de rotinas de atravessamento e permanência na floresta, aumentando a sua vigilância pelos seus próprios beneficiários; afetação da resina à criação de materiais compósitos (linha* I&D);
- i. intensificação da produção de medronheiro e sua transformação em aguardente de medronho e outros derivados; estudo da sua desidratação, cristalização, etc. (linha I&D);
- j. desenvolvimento da apicultura:



- j. produção do mel de eucalipto, de castanheiro, de urze, de rosmaninho e multifloral, bem como de pólen e de própolis, valorizados na cultura contemporânea e especialmente procurado nos países asiáticos, devido aos efeitos da poluição; aplicação em produtos de cosmética (linha I&D);
- k. valorização efetiva dos recursos cinegéticos como possível motor adicional de inputs económicos para a região e valorizando a capacidade de captação de pessoas a utilizarem e, consequentemente, vigiarem os espaços naturais.
- l. retoma da atividade silvo-pastoril de caprinos e ovinos, para a produção de carne, leite e lã, para estímulo da produção de fileira e regresso da produção de lã, e para os serviços de ecossistema de gestão dos matos; produção têxtil de linhas de têxtil vestuário e casa;l.
- m. aproveitamento das habitações rurais para um Turismo no Espaço Rural e as infraestruturas rurais para atividades complementares, com





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

promoção de atividades de aprendizagem pelos clientes das referidas unidades, promovendo a prática das técnicas, pela comunidade local e pela visitante;

n. valorização da gastronomia e dos sabores tradicionais, pela recolha de receitas, de modos de produção e de cultivo; manutenção da paisagem pela persistência da procura de determinados produtos, que impelem ao cultivo.

o. definição de uma linha de apoio aos produtores, na elaboração dos contratos de comercialização dos seus produtos, na sua certificação e na apresentação de candidaturas a financiamento;

p. definição de uma linha de apoio aos menores de 23 e maiores de 55 anos, aos primeiros para incentivar o regresso após o ensino superior, aos segundos, para incentivar o regresso na pré-reforma ou após esta.

q. central de compostagem em cada município, com preço político pago pelos matos, para incentivar à sua

remoção dos terrenos, associada a rebanhos capinadores - dimensionamento, preço, destino do composto.

- Apoio à certificação dos produtos originários da área de influência: visa induzir alterações ao processo produtivo e, portanto, na paisagem, além de induzir valor acrescentado resultante do selo “produto biológico”, “DOP”, “DOC”, etc. criação de uma marca regional, sem alusão ao conceito de interior, e com o sentido de lado essencial ou resistente.

3. INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO PARA (RE)VINCULAÇÃO À PAISAGEM:

- MEMÓRIA: elementos de suporte para a marca identitária sólida para apoio da estrutura económica.

a) forma de recuperação de saber fazer, necessário à recuperação de solos e substituição produtiva por reversão: registo sonoro e audiovisual de pessoas, sistema da vegetação, sistema da água e edificado na paisagem.

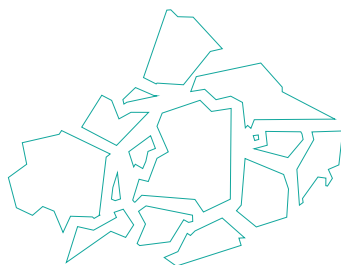
b) trabalhos de levantamento de tradições - música, dança, formas de cozinhar, receitas, formas de cultivo e de rega.

- EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CONTÍNUA:

a) projetos educativos, ações de formação, atividades abertas de desenvolvimento artístico, importantes para participação no processo, para distribuição e recolha de dados; disseminação de projetos e de conhecimento sobre a paisagem; formação de novos técnicos necessários ao cumprimento do projeto;

b) incentivo à participação das escolas, de diferentes graus e localizações no processo de construção, decisão e desenho; convívio com investigadores e bolseiros, e presença dos estudantes no gabinete local, como forma de disseminação do conhecimento e de estímulo ao prosseguimento dos estudos; ATL's organizados pelo Laboratório com trabalhos de campo feitos pelos estudantes;

c) instituição de bolsas de estudo, de





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere

diferentes graus e duração, para estímulo do conhecimento e da investigação e para instituição de bolsas para I&D.

- PARTICIPAÇÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA:

a) sessões de divulgação, de esclarecimento e de estímulo às comunidades:

ciclos de exibição de cinema e de documentários, visitas de estudo, para estímulo pelo exemplo e pela amostra de outros casos de boas práticas; atividades de promoção do projeto-piloto; atividades preparatórias e de continuidade – dinâmica de grupos, recurso ao design thinking; recurso a atividades de manifestação artística – desenho, literatura, música, como formas de inclusão dinâmica no processo. incentivo a interação intergeracional.

b) apoio financeiro e logístico à comunidade, organizada ou não: coletividades, associações civis (de produtores, de empresários, etc.), organizações não governamentais,

IPSS, etc., com vista a facilitar a sua participação no processo colaborativo. projetos de rádio, jornais, etc.

c) inscrição de membros da comunidade nas equipas de trabalho, tanto no gabinete local, como nos trabalhos de campo, por serem conhecedores ou para passarem a conhecer.

ACÇÃO 4 – ARQUIVO, DISSEMINAÇÃO E MONITORIZAÇÃO

-ARQUIVO: registo do processo do projeto-piloto: fotografia, desenho, registo áudio e audiovisual, para publicitação dos trabalhos em curso, das comunidades, das autarquias e da academia.

organização de arquivo: registos audiovisuais, cartografia, documentos produzidos, revista de imprensa, publicações, biblioteca, etc.

-DISSEMINAÇÃO: programas de rádio; documentários; documentos de divulgação, publicação de artigos; traduções; conferências nacionais e internacionais, oficinas de trabalho,

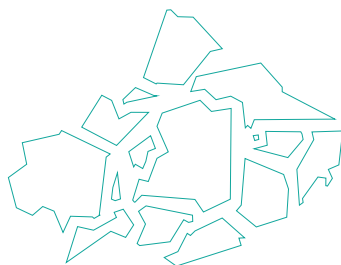
seminários, exposições, etc.;

-MONITORIZAÇÃO: recolha de indicadores, inquéritos por entrevista e por questionário; trabalho de campo; recolha de dados (qualidade do solo, qualidade do ar, qualidade da água, levantamento de projetos iniciados e implementados), etc.; tratamento e análise de dados.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS:

a) Aceitação da matriz desta paisagem de eucaliptal/pinhal –resultante do recuo dos terrenos agrícolas que se tornam áreas florestais, pelo abandono resultante também das migrações, em grande parte resultantes de procedimentos expropriativos sucessivos; consciencialização do risco para populações, edificado e componentes morfológicas; minimização do risco pela intervenção nas linhas de água e galerias ripícolas, a partir do conceito de orla, de intensificação ecológica;

b) Proposta de progressiva intervenção

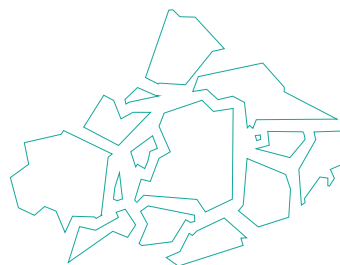




Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

na estrutura, pela alteração contínua da textura: a recuperação da estrutura ecológica matricial, determinante tanto para a singularidade desta paisagem, como para a sua promoção e protecção; geração de resultados económico- financeiros sucessivamente compensadores, para exploração da substituição produtiva; investimento em capital humano e em I&D (materiais compósitos com produtos agro-florestais); apoios à generalização a certificação de produtos como forma de (re)ordenamento da paisagem, pelas exigências de boas práticas a que obrigam;

c) reforço da conectividade sistémica entre os valores naturais e culturais : articulação da rede viária com a rede de caminhos vicinais, de trilhos, e os sistemas de água e da vegetação, para indução de maior acesso e maior vigilância, assim como criação de uma rugosidade ecológica.



PROPOSTAS

Trabalhos futuros, com níveis sucessivos de grandeza e de complexidade: Aldeia da Ribeira, Município da Sertã, Bacia Hidrográfica do Zêzere. Ampliação sucessiva da área de intervenção, pelo ensaio de novas áreas de projecto-piloto, disseminadas geograficamente.

O território, também pela sua extensão, apresenta desequilíbrios ecológicos e, consequentemente, instabilidade social e económica. Será, pois, avisado ensaiar o modelo numa escala maneável, de proximidade e, a partir de lugares que se identificaram como germinais, que encerram em si, como cápsulas de tempo, saberes ancestrais, a partir dos quais se poderá progredir para outros projectos, até que todo o município da Sertã esteja envolvido e depois todos os da BHZ.

A escolha destes lugares é feita a partir da equação que pondera as variáveis envolvimento da população e suas dinâmicas saberes tradicionais, potencialidades económicas e

possibilidade de progresso.

Só assim se poderá construir uma economia identitária, que será suportada pela infraestrutura ecológica da paisagem, pela memória e pela singularidade do lugar cultural.

PRIMEIRO CASO DE ESTUDO :

ALDEIA DA RIBEIRA.

Quatro casais que se avistam reciprocamente, todos voltados para a mesma bacia hidrográfica. Um espaço de produção, protecção e recreio, propriedade privada, com o encargo de limpeza suportado pela junta de freguesia e com aproveitamento pelo Centro Social do Alcainho, que resulta da agregação dos quatro casais. Contraste entre margem esquerda e a margem direita, esta com um conjunto de características de paisagem vernacular.





Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
**da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere**

LISTA DE PARTICIPANTES NO PROJEC- TO-PILOTO ENTRE OS DIAS 13-17 DE JULHO DE 2017

Membros do Laboratório Colaborativo na Paisagem da Bacia Hidrográfica do Zêzere

Alexandre Jacinto, designer
Ana Pedrosa, arquitecta
Anabela Bento, engenheira de minas
Andreia Duarte, arquitecta-paisagista
Aurora Carapinha, arquitecta-paisagista
Bruno Moreira, arquitecto, investigador
Carla Madeira, arquitecta-paisagista
Cecília de Fátima, fotógrafa
Domingos Lopes, eng florestal, arquitecto
paisagista, professor universitário
Filipe Estrela, arquitecto
Helena Barbosa Amaro, advogada e investi-
gadora
Henrique Pereira dos Santos, arquitecto
paisagista
Ivo Oliveira, arquitecto e investigador
João Mareco, designer
Lorina Vieira, arquitecta paisagista
Luís Paiva, arquitecto paisagista
Manuel Sousa, arquitecto paisagista
Manuela Magalhães, arquitecto paisagista
Mariana Cicuto Barros, arquitecta
Mariana Machado, arquitecta paisagista
Mariana Mattos, designer
Maribel Ribeiro, arquitecta
Mário Luís Marques, climatólogo
Marta Paupério, arquitecta-paisagista
Mauro Raposo, arquitecto-paisagista

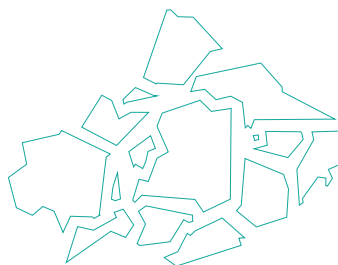
Miguel Fernandes, arquitecto
Mónica Marques, arquitecta
Nuno Magalhães, técnico de gestão agrícola
Paula Maria Simões, arquitecta
Rui Pedro Ribeiro, advogado e fotógrafo
Rute Matos, arquitecta paisagista, profes-
so-ra universitária
Sandra Barão Nobre, biblioterapeuta
Sara Neves, arquitecta
Selma Pena, arquitecta paisagista
Sofia Neves, psicóloga
Telmo Dias Pereira, engenheiro civil e profes-
sor universitário
Tiago Mota Saraiva
Vasco Paiva, engenheiro florestal

Colaboradores institucionais e da comuni- dade

André Dias, SerQ
André Marques, SerQ
Jorge Farinha, Associação Alcainho
Ilda Bicacro, munícipe da Sertã9
Sofia Knapic, SeqrQ
Câmara Municipal da Sertã
SerQ

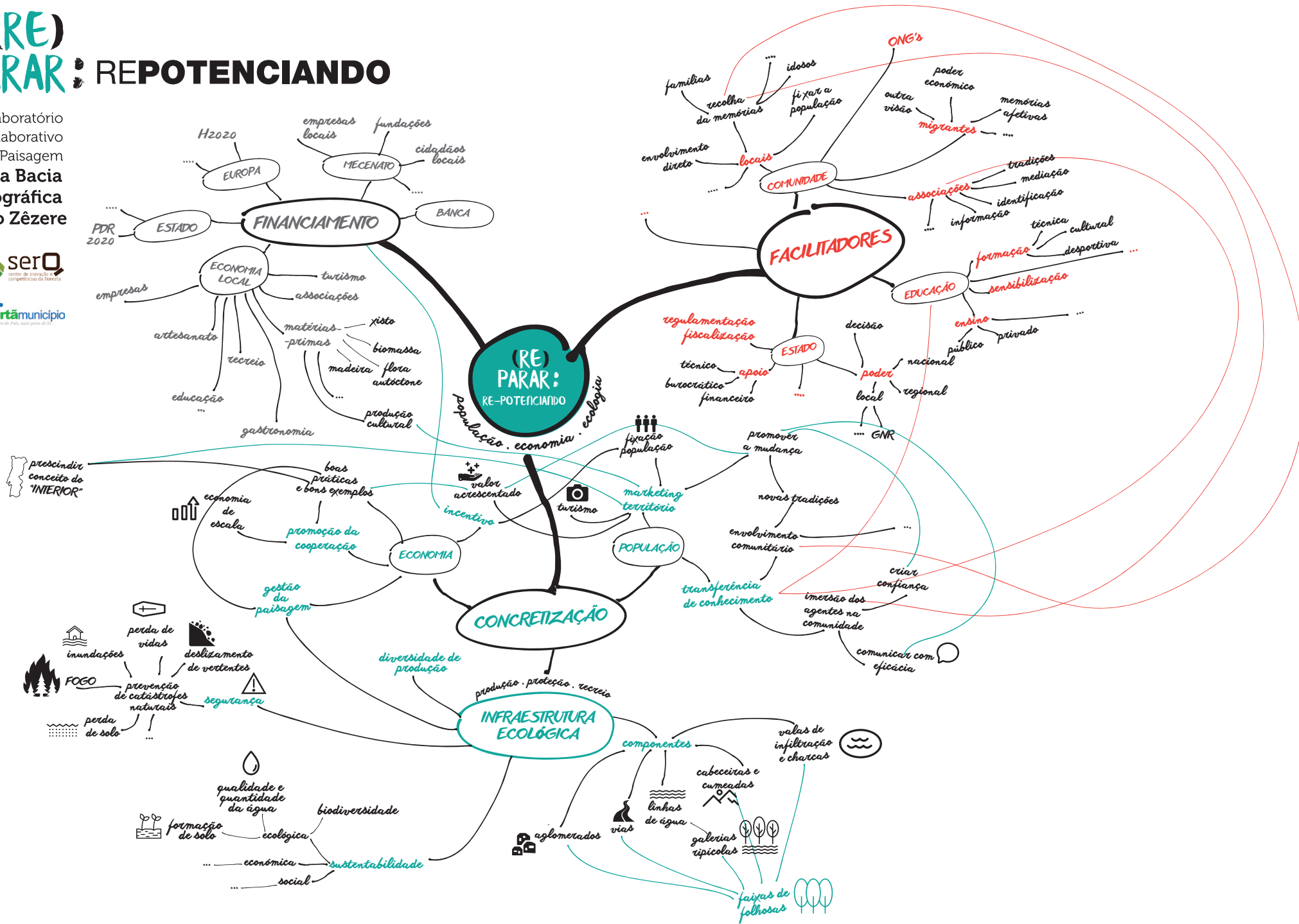
Promotores

Universidade de Évora- DPAO/CHAIA
Universidade do Porto- MDT/CEAU/FAUP
Universidade do Minho - EAUM
Universidade de Trás-os-Montes
Universidade de Coimbra
Universidade de Lisboa - ISA e ICS



(RE) PARAR: REPOTENCIANDO

Laboratório Colaborativo na Paisagem da Bacia Hidrográfica do Zêzere



**(RE)
PARAR:**

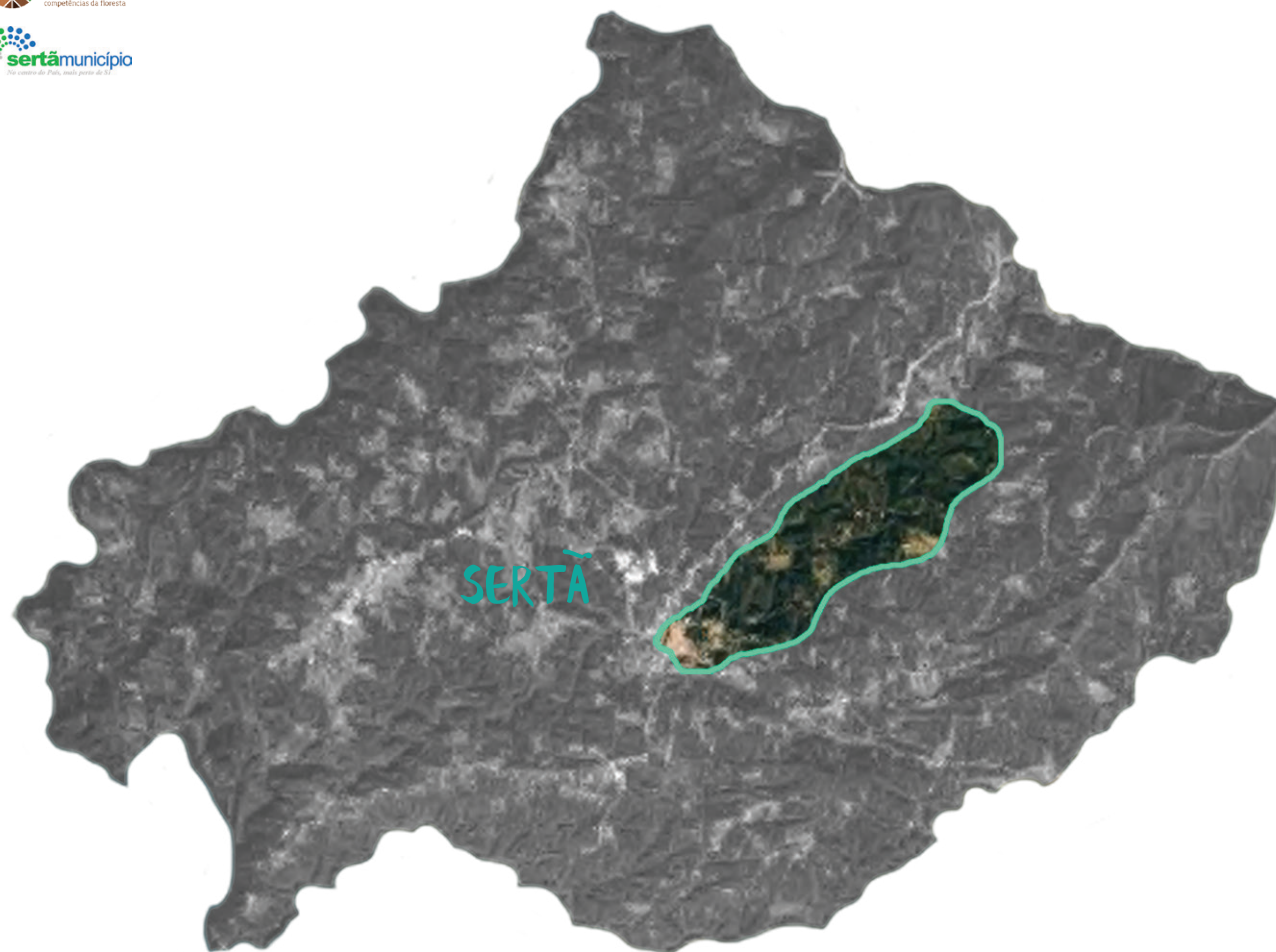
Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere



IMPLEMENTAÇÃO – CASO DE ESTUDO

PROJETO PILOTO

TROÇO DA BACIA DA RIBEIRA DA SERTÃ



(RE)
PARAR:

Laboratório
Colaborativo
na Paisagem
da Bacia
Hidrográfica
do Zêzere



IMPLEMENTAÇÃO – CASO DE ESTUDO

PROJETO PILOTO

TROÇO DA BACIA DA RIBEIRA DA SERTÃ

